

NEOGÊNESE – CANAIS E INSTRUMENTOS EMISSORES DE QUALIDADE E DIVERSIDADE URBANAS

NEOGENESIS – CHANNELS AND INSTRUMENTS TO SPREAD SERVICES, ACTIVITIES, AND VITALITY TO URBAN TOTALITY

A ATUAL PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO Dos paradigmas paradoxais aos encaminhamentos

Os atuais modos de produção do território, regidos e geridos pela lógica global, transcendem às peculiaridades geológicas e sociais preexistentes das localidades, reforçando paradoxais contraposições entre centralidades – que concentram os benefícios convertidos em qualidade de vida – e periferias – no limiar entre o local e o global e isentas de urbanidade. Nestas áreas periféricas é onde se acentuam os efeitos de tais paradoxos como: degradação ambiental; evasão de recursos naturais e de riquezas materiais; conflitos entre dispositivos produtivos, infraestruturais e logísticos (portos, rodovias, ferrovias etc.) e instalações urbanas; crescimento acelerado isento de condições de habitabilidade e de ambientes apropriados à convivência social; falência dos valores éticos; falta de oportunidades para uma vida digna; intensificação das desigualdades e da segregação sociais, da deterioração ambiental e da proliferação de subúrbios. Ao invés de combaterem tais problemas de modo condizente, os procedimentos de planejamento e gestão “formal” do território têm dado prioridade aos setores da economia produtiva e às instalações que lhes prestam serviços, deixando em segundo plano os lugares onde transcorre a vivência humana e as atividades urbanas ancestrais, como morar, conviver e transitar.

Tais paradigmas direcionam a formulação das questões centrais que o projeto Neogênese se dispõe a enfrentar: como diagnosticar as novas e complexas configurações territoriais resultantes das atuais cadeias produtivas da economia global? Como mapear tais configurações de modo a permitir-nos compreender, documentar, diagnosticar e, sobretudo, favorecer a inovação para dominar os seus efeitos? Como estimular e materializar redes de cooperação condizentes com as exigências competitivas dos arranjos produtivos locais? (COCCO; SILVA, 2006). Como elaborar projetos para intervenções estratégicas que garantam padrões adequados à totalidade do território urbano?

PARÂMETROS CONCEITUAIS Dos problemas às soluções

Ao invés de limitar-se a uma visão catastrófica a respeito desses complexos problemas, o projeto Neogênese alimenta-se antropofagicamente das potências da cultura urbana na sua capacidade de concentrar recursos intelectuais, tecnológicos e materiais para superá-los. Suas principais metas de trabalho concentram: a) funções conceituais – repertório teórico, visão crítica, definição de objetivos e procedimentos; b) funções diagnósticas – avaliação do “espírito do lugar” para identificar suas potencialidades, voações e vicissitudes; para localizar os nós de convergência, as linhas de força, os vetores de expansão e os obstáculos que se interpõem ao desenvolvimento; e para detectar as principais infraestruturas que dão suporte às dinâmicas produtivas do território; c) funções prognósticas – centradas na dinamização das cadeias produtivas e de serviços, convertendo-os em dinamizadores de atividades urbanas e revertendo seus benefícios aos interesses das comunidades e das localidades. Se o poder estiver atrelado ao aparelho de Estado, estará irremediavelmente subordinado aos modos de produção e às infraestruturas (DELEUZE, 1985). Por isso, o projeto Neogênese pretende superar modelos desenvolvimentistas submissos à direção do Estado e às prioridades da grande indústria em prol da expansão das forças produtivas do território e da urbanidade extensíveis à totalidade dos espaços da vida social.

PARÂMETROS TERRITORIAIS E PROJETUAIS Da hipergênese à Neogênese

Os tecidos físico-territoriais resultam da somatória de estratos denominados peles, aqui agrupadas em três categorias: pele natural – superfície geológica ou topológica original; pele infraestrutural – composta por grades funcionais de serviços e fluxos; e pele supraestrutural – a própria arquitetura da cidade. A somatória dessas peles caracteriza a urbe e qualifica os diversos tipos de configuração urbana (formais ou informais, normais ou subnormais, urbanas ou suburbanas). Incessantes ações e transformações sobre essas peles têm provocado hipergêneses (tecidos dilacerados, esgarçados e mal cicatrizados, peles hipertrofiadas marcadas por um desenvolvimento que provocou um aumento de tamanho, de consistência e de complexidade, mas não da conveniente quantidade e qualidade de células necessárias à composição de uma rede de tecidos saudáveis). Esse processo não pode ser combatível com placebos, ao contrário, demanda tratamentos curativos e medidas preventivas eficazes, a exemplo do que propõe a Neogênese.

PARÂMETROS PROJETUAIS Da fragmentação urbana ao Urbanismo Unitário

Neogênese – projeto para combater os efeitos do urbanismo capitalístico funcionalista: fragmentação e metapolarização urbana; distribuição desequilibrada de serviços e componentes fundamentais; contraposição entre fixos (fundados no valor de propriedade) e fluxos (baseados na circulação de veículos individuais); intervenções urbanas pontuais e descontextualizadas; instalações de equipamentos ociosos, desconexos ou inadequados; estímulo à ocupação dispersa e extensiva atrelada ao mercado imobiliário; abandono de assentamentos tradicionais para posteriormente justificar programas de restauração e revitalização do que foi abandonado; estímulo à invasão de áreas de preservação ambiental. Contra tais parâmetros, a Neogênese propõe espalhar, de modo rizomórfico, um conjunto de linhas de forças nos interstícios urbanos, as quais deverão se infiltrar como sondas no território para potencializar aquilo que lhe caracteriza, para injetar o que lhe falta e, simultaneamente, drenar aquilo que lhe sobra. Contra as redes monofuncionais segregadas e o alisamento que estas promovem, a Neogênese os converte em aparelhos de disseminação de serviços e atividades vitais à urbe. Contra a hierarquização das peles constituintes do território, a Neogênese as incorpora e associa para proliferar neoformações benéficas aos tecidos urbanos. Contra as instalações perenes, mal localizadas, subaproveitadas e ociosas, a Neogênese assume um caráter híbrido, flexível, móvel, mutante e transformista para garantir flexibilidade e mobilidade aos componentes e aos habitantes urbanos, além de permitir a desejável complementaridade à totalidade urbana. Ao assumir distintas formas, funções, características

e localizações, a Neogênese deve permitir interação entre atividades e serviços (lazer + ócio + cultura + esportes + saúde etc.) ligados à associação entre redes de infraestruturas fundamentais (de saneamento ambiental, de transportes intermodais, de captação, geração e transmissão de energia limpa etc.).

Desse modo, a Neogênese se equipara ao que Guattari (1992) chamou de novo recentramento dos modos de existência em coletividade, que requer mobilização de todos os componentes da cidade subjetiva, coerentemente à condição dos seres humanos contemporâneos, fundamentalmente desterritorializados e destinados a um nomadismo generalizado. Centrada na diversidade urbana e no caráter público dos espaços públicos, esta proposta rejeita o urbanismo impositivo em defesa do urbanismo positivo e unitário, a exemplo da afirmação de um situacionista anônimo: “O Urbanismo Unitário [é um instrumento que está] no centro de uma construção da totalidade de um entorno... A criação coletiva de um Urbanismo Unitário está naturalmente baseada em uma concepção de totalidade. Mas se confundirmos isso com uma atividade [específica] que compreenda a totalidade, estaremos superando seus poderes reais e condicionando-a à inatividade. O Urbanismo Unitário deverá estar no centro de nossas preocupações ou não acontecerá.” (ver boletim da Internacional Situacionista nº 3, dezembro, 1959, p. 24). Desse modo, a Neogênese enaltece o transcendente papel da urbe para a vida cotidiana dos humanos, liberando-os da submissão e promovendo-os como agentes enunciadores de subjetividades de modo a conferir sentido, significado e significância ao território, e garantir vida digna aos habitantes. Sublima, assim, o que Guattari (1992) define como uma nova ordem objetiva e mutante, uma nova poesia ou arte de viver que poderá nascer do atual caos em que nossas cidades se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Da entropia ao utopismo

Este projeto parte do princípio de que o fluxo universal de urbanização massiva e seus efeitos são irreversíveis. Tais efeitos são ainda mais nefastos em diversas localidades, como nas cidades brasileiras que contam com índices entre 50% e 80% de suas áreas ocupadas em situação suburbanas, convivendo com diversas patologias como: falta de serviços urbanos básicos (saneamento, transporte, saúde, educação etc.); ocupações em áreas de risco; superpopulação; déficit habitacional; construções clandestinas e as mínimas condições de habitabilidade; inadequação de programas e projetos urbanísticos; entre outros. Por tudo isso, parece desnecessário buscar justificativas para projetos como este que presumam apontar diretrizes ou encontrar soluções efetivas para solucionar (ou pelo menos minimizar) tais patologias. Parece menos danoso arriscar enunciados em prol de respostas às questões centrais formuladas no princípio deste trabalho do que o conformismo em relação à precariedade em qualquer localidade que seja. Por isso, a Neogênese se nega a enaltecer o projeto do poder para destacar o poder do projeto; prefere lançar-se de modo coerente à magnitude dos problemas contemporâneos e propor uma realidade desejada sobre a já existente ao invés de projetar espaços ideais ou cidades virtuais para habitantes irrealis; prefere desenvolver-se por meio de uma postura crítica e, simultaneamente, propositiva para enfrentar um modelo de urbanismo que diluiu as tradicionais distinções entre cidade, natureza e território, apagando valores seculares em prol de geografias mistas, ambíguas, equivocadas e mestiças. (GAUSA, 1996).

Por tudo isso, o projeto Neogênese prefere assumir um papel utópico (em busca de projetos concretos a fim de liberar o possível) ao invés de uma postura utopista (que persegue o impossível); prefere assumir a condição de utopia (entendida como um lugar que ainda não existe) para enfrentar-se à entropia (medida de desordem de um sistema já desordenado), ao invés de redundar os projetos atópicos (fora de um lugar e um tempo reais) ou distópicos (anomalias de referenciais anômalos). A Neogênese pressagia novas estruturas vivenciais (e não simplesmente alegóricas) para um novo tipo de globalização, os quais não devem restringir-se a fatores de ordem estética nem econômica, pois devem ser de natureza ética e defender o exercício da cidadania com equidade e honradez para toda a sociedade, entendida na globalidade que esta requer. A Neogênese defende projetos voltados à estruturação de belas cidades, entendendo que o belo não se encontra na superficialidade topológica do lugar e sim nos espaços que são justos e coerentes com as virtudes e os desejos dos seus habitantes. Um belo projeto urbanístico só deixará de ser utópico (no sentido de algo fantasioso e irrealizável) se conseguir eliminar as assimetrias sociais e econômicas que administram a escassez e se puder contar com a colaboração dos responsáveis pela complementaridade qualificada de nossas cidades.

REFERÊNCIAS

- COCCO, G.; SILVA, G. (Orgs). Territórios Produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1985.
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Ed. 34, 2004.
ESTEVEZ, M. Jr. “Da realidade do planejamento fragmentista à utopia do Urbanismo Unitário: o medo e o cuidado dos urbanistas na hora da projeção urbana”. In: ESTEVES, M. Jr.; URIARTE, U. M. (Orgs). Panoramas Urbanos: reflexões sobre a cidade. Edufba: Salvador, 2003.
GUATTARI, F. Caosmose: Um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.
GAUSA, M. “Metropolis → Metapolis: novas mapeações per a la ciutat contemporània”. In: Quaderns d’arquitectura i urbanisme # 213, Forum Internacional 1. Barcelona: Col.legi d’Arquitectes de Catalunya, 1996.
HARVEY, D. – “Mundos urbanos posibles”. In: RAMOS, À. M. Lo Urbano en 20 autores contemporâneos. Barcelona: UPC, 2004.
International Situationniste - 1958-69. Amsterdã: Van Genep, 1970.

